

DESAFIOS DA INCLUSÃO DE ALUNOS COM AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Cristina Anastácio Bicalho Machado
Graduada em Pedagogia
Centro Universitário do Espírito Santo (UNESC Serra/ES)

Rayner Raulino
Professor do curso de Pedagogia do UNESC – Serra/ES
Doutorando em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal do Espírito Santo.

Eixo 1 - Do Direito à Escolarização: Políticas de Acesso, Permanência e Qualidade
Social.

RESUMO

O presente artigo apresenta abordagens sobre crianças público-alvo da Educação Especial, em especial, os alunos com transtorno global do desenvolvimento (TGD), a pesquisa aqui apresentada possui cunho bibliográfico (CLIFFORD, 1997, p. 73) e é organizada por estudos já realizados sobre a temática por meio de coleta de dados de trabalhos publicados nos Anais do Seminário Nacional de Educação Especial e Seminário Capixaba de Educação Inclusiva dos anos de 2016 e 2018. Esta pesquisa caracteriza-se pelo estudo detalhado e particular de casos, possibilitando aprofundamento e foco, podendo assim propor ao leitor conhecer de forma minuciosa detalhes do tema abordado, destaca-se aqui um traço significativo que caracteriza este tipo de estudo, a apresentação dos fenômenos sociais como processuais e contingentes, estas características ajustam-se a pesquisa qualitativa. Diante dos artigos analisados chegamos à conclusão que muitos são os desafios tais como: práticas pedagógicas, jogos e brincadeiras, a interação social e a superação do diagnóstico. O estudo aqui apresentado tem como referencial teórico o autor Paulo Freire (1993, 1996, 2001, 2002) por abordar a educação como prática transformadora e libertadora do educando, impulsionando-o na luta de quebra de paradigmas e apreendendo a entender sua subjetividade, possibilitando a inclusão no espaço ao qual esse sujeito se encontra inserida. Sendo assim, entender que as crianças com autismo não são isoladas, nem soltas e muito menos desligadas do mundo, portanto, compreender que estas crianças necessitam de atenção e de ser incluídas em todos os ambientes nos quais estão inseridas, pois se tratam de sujeitos com sentimentos, capaz de demonstrar afetividade, tristeza e dor.

Palavras-Chave: Inclusão, educação especial, crianças.

ABSTRACT

This article presents approaches on children targeting Special Education, especially students with global developmental disorder (TGD), the research presented here has a bibliographic nature (CLIFFORD, 1997, p. 73) and is organized by studies already carried out on the theme by collecting data from works published in the Proceedings of the National Seminar on Special Education and the Capixaba Seminar on Inclusive Education in the years 2016 and 2018. This research is characterized by the detailed and particular study of cases, allowing for further and focus, thus being able to propose to the reader to know in detail details of the approached theme, here stands out a significant feature that characterizes this type of study, the presentation of social phenomena as procedural and contingent, these characteristics adjust to qualitative research. In view of the analyzed articles, we came to the conclusion that there are many challenges such as: pedagogical practices, games and games, social interaction and overcoming the diagnosis. The study presented here is based on the theoretical framework of the author Paulo Freire (1993, 1996, 2001, 2002) for approaching education as a transformative and liberating practice for the student, boosting it in the struggle to break paradigms and learning to understand its subjectivity, enabling inclusion in the space to which this subject is inserted. Therefore, to understand that children with autism are not isolated, nor released and much less disconnected from the world, therefore, understand that these children need attention and be included in all environments in which they are inserted, as they are subjects with feelings, capable of showing affection, sadness and pain.

Keywords: Inclusion, special education, children.

INTRODUÇÃO

Este artigo de caráter qualitativo apresenta abordagens sobre crianças público-alvo da Educação Especial, em especial, os alunos com transtorno global do desenvolvimento (TGD) que para a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva de 2008, considera que são alunos “[...] que apresentam alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo” (BRASIL, 2008, p.15).

Dentro desse grupo de alunos, este texto foca na inclusão de alunos com autismo, com o intuito de entender como o contexto brasileiro tem estudado as questões educacionais para a inclusão desses alunos na educação infantil. A lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n.º 9.394/96 em seu Artigo 29, expressa que:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus

aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996, p. 42).

A pesquisa aqui apresentada possui cunho bibliográfico e é organizada por estudos já realizados sobre a temática, proporcionará um novo olhar crítico e reflexivo, oportunizando novas probabilidades de inclusão escolar.

Para tanto, foi preciso conhecer as dificuldades enfrentadas nesses movimentos inclusivos, e como em decorrências desse novo olhar transformou a realidade vivida e acrescentou novas perspectivas na educação infantil foi o que se objetivou com a proposta do estudo aqui apresentado. Os estudos aqui delineados por meio de uma análise bibliográfica ocasionando um novo conhecimento, estudar artigos e textos sobre a temática abordada trouxe novas possibilidades de aprimorar os conhecimentos. Este artigo possibilita a comunidade escolar uma visão diferenciada, em busca por novas possibilidades, transformação e conscientização da sociedade como um todo.

Nessa direção, este artigo tem por finalidade analisar acerca dos desafios da inclusão de alunos com autismo na educação infantil, a partir de levantamento bibliográfico dos trabalhos publicados nos Anais do Seminário Nacional de Educação Especial e Seminário Capixaba de Educação Inclusiva dos anos de 2016 e 2018.

Para a efetivação desse objetivo geral, citado anteriormente, foi necessário a construção dos seguintes objetivos específicos:

- Coletar trabalhos, publicados nos Anais do Seminário Nacional de Educação Especial e Seminário Capixaba de Educação Inclusiva, com a temática acima abordada para compreender o processo de inclusão de alunos com autismo na educação infantil.
- Mapear os dados coletados para melhor compreensão da realidade na qual estes discentes estão inseridos.
- Analisar os dados para possibilitar por meio de novas pesquisas, outras perspectivas sob o tema abordado.

1 REVISÃO DE LITERATURA

Conforme Freire (1976), este ressalta que o diálogo é com certeza imprescindível para entendermos os sujeitos, podemos entendê-los a partir de sua historicidade, portanto o educador deve permitir estes momentos de interação, para possibilitar

novas aprendizagens, no intuito de compreender as dificuldades, competências dos sujeitos público-alvo da educação especial, dessa forma o conhecimento abre espaço para a construção de um aprendizado pautado nos saberes e descobertas possíveis dentro deste processo. A inclusão possibilita aos educandos e educadores uma aproximação a partir da dialogicidade que ocorre entre os atores desse decurso.

Como um ato de conhecimento, o processo de alfabetização implica na existência de dois contextos dialeticamente relacionados. Um é o contexto autêntico diálogo entre educadores e educandos, enquanto sujeitos de conhecimento. É o contexto teórico. O outro é o contexto concreto, em que fatos se dão- a realidade social em que se encontram os alfabetizandos (FREIRE, 1976, p.51).

De acordo com os dados do Censo Escolar do Instituto Nacional de Educação (INEP) entre os anos de 2007 a 2014 tivemos um aumento do quantitativo de alunos público-alvo da educação especial¹. Os dados apontam que no ano de 2007 a rede municipal de Serra tinha 09 alunos matriculados, já no ano de 2014 esse quantitativo passou para 139. Isso representa um aumento de 1.544% (BRASIL, 2014)².

Assim, por meio deste levantamento, mais o contexto educacional brasileiro, tem-se novos desafios no contexto da educação infantil para pensar a inclusão de outros grupos sociais, que antes não estavam presentes, entre eles, os alunos público-alvo da educação especial. Assim, cabe no próximo tópico, abordar acerca do caminho metodológico adotado nesse artigo, destacando a importância da pesquisa bibliográfica.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo baseia-se em uma pesquisa de revisão bibliográfica de caráter qualitativo, este método de pesquisa é diferenciado da pesquisa quantitativa, pois nesta forma de estudo não são geralmente utilizados gráficos, estatísticas e estudos numerosos de difícil compreensão.

A pesquisa qualitativa abrange um estudo mais restrito de determinado assunto, aproximando o estudante de seu objeto de estudo, de forma a possibilitar uma observação mais detalhada (CLIFFORD, 1997, p. 73), analisando de forma sintética

¹ Os alunos considerados público-alvo da educação especial são aqueles com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e com altas habilidades/superdotação (BRASIL, 2008).

² BRASIL. Censo Escolar da Educação Básica. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo>. Acesso em: 20 de maio de 2015.

pode-se configurar este estudo ao contexto empírico, expresso sob a visão do autor de sensibilidade ao contexto.

Esta pesquisa caracteriza-se pelo estudo detalhado e particular de casos, possibilitando aprofundamento e foco, podendo assim propor ao leitor conhecer de forma minuciosa detalhes do tema abordado, destaca-se aqui um traço significativo que caracteriza este tipo de estudo, a apresentação dos fenômenos sociais como processuais e contingentes, estas características ajustam-se a pesquisa qualitativa. Desta forma o estudante ou pesquisador consegue assimilar acontecimentos de fenômenos sociais decifrando-os e percebendo como sua atenção foi pré-determinada a tais fatores de forma inconsciente (MATZA, 1969).

Neste método de pesquisa não se alinham frases prontas, aqui a subjetividade de cada sujeito é respeitada, observada e analisada, cuidadosamente para que de nenhuma forma sua realidade seja agredida, desrespeitada ou negligenciada (MATZA, 1969).

O estudo qualitativo possibilita ao leitor uma melhor compreensão e proximidade com o tema estudado, tornando a leitura prazerosa e contextualizada, abordar este tipo de pesquisa possibilita o estudante aprofundar-se no assunto em destaque, despertando a curiosidade e o desejo de descoberta, para apreender e compreender e apoderar-se do tema em estudo (DENZIN & LINCOLN, 2006).

As atividades deste artigo estão voltadas a análises de revisão bibliográfica, iniciando-se assim, por meio de seleção de artigos que abrangem o tema abordado, contendo em sua seleção a relevância, atualidade e o compromisso apresentado pelos autores com relação a temática em questão.

A temática da inclusão escolar de alunos público-alvo da educação especial na educação infantil está diretamente ligado ao artigo, pois foi a partir da observação dos comportamentos da sociedade quanto a inclusão destes sujeitos nos diversos ambientes, nos quais dizem que estes se fazem inseridos, que surgiu o questionamento, qual o tipo de inclusão que temos presenciado nesse espaço educativo?

As respostas a estes questionamentos aparecerão dentro do próprio artigo, afim, de despertar no leitor a busca para possíveis soluções de novas interrogações que venham a surgir no decorrer desta leitura.

Nosso campo de pesquisa abrange os Anais do Seminário Nacional de Educação Especial e do Seminário Capixaba de Educação Inclusiva. Estes anais são

publicados de dois em dois anos (bienal), abordam informações de extrema relevância e constante atualização sobre a educação especial.

Ampliando o acesso aos conhecimentos, por meio dos estudos apresentados pelo Seminário Nacional de Educação Especial e Seminário Capixaba de Educação Inclusiva que resultam nos anais coletados. Dando a importância da inclusão de crianças com transtorno global do desenvolvimento (TGD), e também transtornos do espectro de autismo (TEA), proporcionando o estudo pautado no aprendizado amparado por esses estudos acadêmico-científicos, elaborados por pessoas que visam a transformação da realidade de crianças público-alvo da educação especial, por entender a importância da inclusão destes alunos na sociedade a qual estão inseridos com destaque na inclusão do ambiente escolar. O evento é realizado na Universidade Federal do Espírito Santo e tomamos que campo de análise os dois últimos anais que foram publicados eletronicamente nos anos de 2016 e 2018.

3 RESULTADOS

Ao realizar o levantamento dos artigos produzidos nas duas edições selecionadas, foi levado em consideração as produções que versam sobre a inclusão escolar na educação infantil de alunos com autismo. A partir do levantamento, foram encontrados 11 (onze) produções que abordam a temática selecionada. Sendo, 05 (cinco) publicadas no ano de 2016 e 06 (seis) publicadas no ano de 2018. Apresentamos a seguir as produções organizadas no Quadro 1:

Quadro 1 - Artigos Acadêmicos publicados nos Anais do Seminário Nacional de Educação Especial e Seminário Capixaba de Educação Inclusiva.

| Título | Autores | Ano |
|---|--|------------|
| A criança com autismo e importância das interações sociais na educação infantil | Alexandre Freitas Marchiori | 2016 |
| Solitude pedagógica e ato responsável: algumas reflexões sobre o aluno com autismo no ensino comum | Emilene Coco dos Santos; Fernanda de Araújo BinattiChiote | 2016 |
| A brincadeira de faz de conta em crianças com autismo | Rosely da Silva Santos; José Francisco Chicon | 2016 |
| Tensões e intenções no processo de inclusão na educação infantil da criança com (TGD), associado ao espectro de autismo | Anderson Rubim Dos Anjos | 2016 |
| Autismo e educação infantil: o diagnóstico, a família e as possibilidades da prática educativa | Maria da Penha dos Santos; Rayane Loyola Rangel de Melo | 2016 |

| | | |
|--|--|------|
| Jogos e brincadeiras para crianças autistas: possibilidades nas aulas de educação física | Fabiana Zanol Araujo; Michell Pedruzzi Mendes Araújo | 2018 |
| Práticas pedagógicas inclusivas para o sujeito com autismo na sala de aula | Fernanda Ferreyro Monticelli; Cacia Scuassante Bolzan | 2018 |
| Aspectos relacionais da criança com autismo em situação de brincadeira | José Francisco Chicon; Fabiana Zanol Araújo | 2018 |
| Educação física e inclusão: o professor como mediador na experiência de brincar da criança com autismo | Flaviane Lopes Siqueira Salles; José Francisco Chicon; Maria das Graças Carvalho Silva de Sá | 2018 |
| Práticas pedagógicas e inclusão do aluno autista no cotidiano escolar | Luiza Massarioli; Maria Nilceia de Andrade Vieira; Claudenice Maria Veras Nascimento | 2018 |
| Interação entre a criança com autismo e o outro na brinquedoteca | Emilene Gomes Monteiro; Ivone Martins de Oliveira | 2018 |

Fonte: www.periodicos.ufes.br. Elaborado pelos autores (2019).

Este estudo aborda a pesquisa exploratória, como ponto de partida, por reunir um conjunto de informações já exploradas, que incluem em seu repertório algumas hipóteses que servirão como norte para o pesquisador fazer suas análises e observações, nesta etapa o pesquisador precisa ser flexível, compreensivo e disposto a superar pré-conceitos.

Para a sistematização dos dados coletados definimos pela análise de conteúdo de Bardin (2006) marcada como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Nessa direção, Bardin (2006, p. 117), define essa categorização como:

[...] classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias, são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos (BARDIN, 2006, p. 117).

Assim, ao realizar o levantamento encontramos nos onze artigos produzidos, cinco categorias temáticas abordadas pelos diferentes autores, sendo elas: práticas pedagógicas (MASSARIOLI; VIEIRA; NASCIMENTO, 2018; MONTICELLI; BOLZAN, 2018; SANTOS, 2016), jogos e brincadeiras (SALLES; CHICON; SÁ, 2018; ARAUJO; ARAÚJO, 2018; CHICON; ARAÚJO, 2018; SANTOS; CHICON, 2016), interações sociais (MARCHIORI, 2016; MONTEIRO; OLIVEIRA, 2018), diagnóstico (SANTOS, 2016) e tensões e intensões no processo de inclusão (ANJOS, 2016).

4 DISCUSSÃO

O presente artigo possibilita o leitor a conhecer um pouco mais dos desafios da inclusão de alunos com autismo no cotidiano escolar, aborda também assuntos relacionados a práticas pedagógicas, a importância dos jogos e brincadeiras, as interações sociais, o diagnóstico e a importância das interações no processo de inclusão. Ao dialogar a respeito das temáticas contextualizadas acima, objetivou-se proporcionar conhecimentos que possam oportunizar novas aprendizagens que sirvam como norte para uma boa interação desses sujeitos com a sociedade de modo geral.

O presente referencial teórico aborda concepções Freiriananas, a fim de fazer junção dos pensamentos de Paulo Freire ao tema deste artigo, que enaltece a inclusão de crianças com autismo na educação infantil, sabendo-se que o presente autor dialoga com a educação libertadora o que reforça a importância do educador neste processo de ensino e aprendizagem com o educando.

Sabe-se que há poucas décadas atrás a educação no espaço escolar, não era proporcionada à pessoas com algum tipo de transtorno global do desenvolvimento, havendo assim uma exclusão destes sujeitos da sociedade. Mesmo antes do surgimento de programas de atendimento da inclusão escolar para o público-alvo da educação especial, Paulo Freire já havia se apresentado frente à construção de um novo paradigma: o da inclusão, onde o sujeito é reconhecido e respeitado em suas diferenças, isto não é colocado como empecilho em sua construção e valoração.

4.1 Práticas Pedagógicas

O estudo de Monticelli e Bolzan (2018) debate que a partir de leituras anteriores e com reforço da leitura atual compreendemos que a lei de apoio aos alunos público-alvo da educação especial passou a ser acompanhada de forma regular, oportunizando um ensino de qualidade. Todavia sabemos que ainda há muito a ser feito para que estes discentes consigam alcançar a emancipação, levando em consideração a necessidade de assegurar ao sujeito condições adequadas de aprendizagem e ao profissional da educação materiais e instruções para que o mesmo consiga realizar seu papel docente conseguindo ir além de um ensino mecanicista, apropriando se de novas tecnologias e estratégias de ensino.

Esse estudo dialoga com o trabalho escrito por Massarioli, Vieira e Nascimento (2018) que ressalta a necessidade do plano de aula, com ações elaboradas de forma

intencional. No intuito de ampliar os conhecimentos destes alunos e a inclusão dos sujeitos nas atividades propostas em sala de aula. Assim, cabe ao professor o importante papel que se percebe em cada detalhe ou ação, pois, neste olhar mais atencioso possibilita o desenvolvimento desses educandos, seja no aspecto cognitivo, afetivo ou social.

Por fim, ao estudar sobre Santos (2016), esta contribui no debate da prática pedagógica inclusiva, por entender como ato pedagógico que requer organizar, planejar e executar com qualidade. Destaca-se a importância de promover uma pedagogia que permita aos sujeitos uma aprendizagem significativa no que tange a transformação da realidade vivenciada, possibilitando assim, experiências por meio das vivências pedagógicas. Essas vivências devem disponibilizar aos sujeitos as culturas sociais as suas diversidades. Portanto, cabe ao docente a busca por novas experiências que proporcionem aos alunos saberes múltiplo.

A quebra de paradigmas se faz necessária, a partir, do momento em que o docente se prontifica a realizar uma educação de transformação, de aceitação das diversidades, para dissociar a educação bancária, da educação libertadora. Pois, na educação bancária o educando é apenas um receptor de conhecimentos, onde os docentes depositavam seus saberes e os alunos apenas os armazenavam, os docentes disciplinavam, e os discentes aceitavam ser disciplinados, sem questionamentos e exercendo apenas sua aceitação. Porém, a educação libertadora apresenta-se em um viés diferente, valorizando o saber de cada discente, respeitando suas capacidades e limitações, oportunizando o diálogo com o docente em um olhar de igual para igual, nesta perspectiva de educação libertadora e a fim de proporcionar a mudança de *status quo* (FREIRE, 2005).

A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica na negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também na negação do mundo como uma realidade ausente dos homens (FREIRE, 2002, p. 70).

Partindo dessa premissa é importante ressaltar que o homem é um ser inacabado e apto a transformações. Sendo assim, entender que as crianças com autismo não são isoladas, nem soltas e muito menos desligadas do mundo, portanto, compreender que estas crianças necessitam de atenção e de ser incluídas em todos os ambientes nos quais estão inseridas, pois se tratam de sujeitos com sentimentos, capaz de demonstrar afetividade, tristeza e dor.

Porém, de alguma forma são excluídos por carregarem em si as marcas da discriminação, que já se encontram impregnados na sociedade que traz consigo no decorrer dos anos está cultura que inferioriza tudo o que não dialoga com o que é considerado normal. Dentro dos padrões de uma sociedade capitalista e hierárquica. Assim, cabe no próximo subtópico abordamos sobre a categoria de jogos e brincadeiras.

4.2 Jogos e Brincadeiras

Ao tratar da importância sobre os Jogos e Brincadeiras no processo de inclusão escolar este eixo torna-se primordial, levando em consideração o contexto da educação infantil. Nessa direção, Fontana e Cruz (1997, p. 115), falam acerca do brincar em seus estudos como:

Brincar é sem dúvida uma forma de aprender, mas é muito mais que isso. Brincar é experimentar-se, relacionar-se, imaginar-se, expressar-se, negociar, transformar-se. Na escola, o despeito dos objetivos do professor e do seu controle, a brincadeira não envolve apenas a atividade cognitiva da criança. Envolve a criança toda. É prática social, atividade simbólica, forma interação com o outro. É criação, desejo, emoção, ação voluntária.

Em acordo com a citação acima, o estudo de Salles; Chicon e Sá (2018) ressaltam a importância da mediação do professor no brincar da criança com TEA. Pois, é notável que a interação social colabora efetivamente no desenvolvimento destes sujeitos. De acordo com conceituação desse transtorno, pode-se perceber, que estes sujeitos possuem características muito específicas, o que acaba influenciando negativamente no desenvolvimento psicossocial, causando estranheza nos demais atores participantes deste processo.

As crianças com autismo necessitam compartilhar espaços para a construção de suas interações sociais. Desta forma o brincar requer intencionalidade em suas ações, os atuantes deste processo precisam elaborar atividades com novas metodologias a fim de proporcionar experiências de aprendizagem significantes para que os discentes envolvidos nesse processo consigam absorver os conhecimentos transmitidos a eles.

Freire (1996, p. 30) afirma que “ensinar implica em respeitar os saberes dos educandos e não simplesmente transferir os conteúdos sem discutir o porquê daqueles conteúdos”, portanto, o processo de ensino e aprendizagem se dá em movimento, é algo dinâmica, processual e coletivo.

Com base no exposto podemos entender que os sujeitos são seres em constante construção, e as experiências do brincar lhes permitir desvendar o mundo, superar medos e ter uma interação social. A brincadeira é um momento de descobertas, e esta possui uma intencionalidade, desta forma, ao ofertar um brinquedo e ao ensinar um novo jogo, devemos explicar aos educandos qual a finalidade desta brincadeira, quais os desafios e quais lições podem ser resgatadas por meio da mesma. De acordo com Freire (1996, p. 38):

A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma Pedagogia da Autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade.

Desta forma podemos perceber a importância das brincadeiras na escola, pois, os docentes devem sugerir aos alunos brincadeiras que os leve a descobertas, que desperte o aprendizado quanto as responsabilidades e deveres, que proporcione a superação de desafios e os capacite, que aprendam a necessidade do trabalho em conjunto, da participação de todos para o alcance de um objetivo em comum, agindo assim estaremos trabalhando na perspectiva freiriana de uma educação para todos. Ressalta-se então a importância do professor como mediador deste processo, o professor direciona o brincar, mas deixa o aluno livre para fazer suas escolhas no decorrer da brincadeira, ele interage com o mesmo afim de potencializar seus saberes e acrescentar novas experiências a estes sujeitos.

4.3 Interações sociais

Conforme leitura dos artigos aqui explicitados, pode-se entender como uma das barreiras que se manifestam no cotidiano destes sujeitos, os olhares direcionados a estes pela sociedade, que julgam suas potencialidades a partir de seus comportamentos estereotipados³. Ressaltamos aqui a importância da observação, do

³Etimologicamente, o termo estereotipia é composto pelos vocábulos gregos *sterós*, (sólido) e *typos* (modelo), que unidos carregam em sua essência um entendimento próprio: padrão rígido e estável. A Classificação Internacional das Doenças, em sua décima edição (CID-10), traz as estereotipias motoras como uma categoria nosográfica caracterizada por movimentos intencionais, repetitivos, estereotipados, ritmados, desprovidos de finalidade e sem relação a um transtorno psiquiátrico ou neurológico identificado. Esses movimentos caracterizam-se por balançar o corpo e/ou a cabeça, arrancar e/ou torcer os cabelos, estalar os dedos e bater as mãos. Porém, podem ter algum componente automutilador, sendo reconhecidos por bater a cabeça, esbofetear a face, colocar o dedo nos olhos, morder as mãos, os lábios ou outras partes do corpo (BARROS; FONTE, 2016, p. 747).

respeito e da inclusão que possibilita a estes sujeitos a interação social, que dialoga com novas condições de desenvolvimento e novas perspectivas de vida para este sujeito. Assim, Baldo (2015, p.155) convida a enxergarmos a criança para além do autismo:

Com características, potencialidades, necessidades e dificuldades, sujeito esse que se constitui não por um rótulo, mas pelo convívio social, por suas construções próprias e familiares, pelos aspectos socioeconômicos e culturais que lhe são apresentados, que serão incorporados no seu desenvolvimento.

De acordo com o explicitado acima nota-se que a criança com autismo vai se construindo de acordo com a sua historicidade, cultura e aspectos socioeconômicos a interação deste sujeito com o meio ao qual ele faz parte, enaltece suas potencialidades e favorece seu desenvolvimento psicossocial. Assim, quando a interação entre família, escola e demais agentes da sociedade, este processo, torna-se menos doloroso e o sujeito aqui abordado têm melhores condições de vida e de crescimento pessoal. Nesse contexto, Freire (1996, p.62) destaca que, “o respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola”.

Os educandos trazem consigo para a escola experiências conquistadas no decorrer de sua história, porém, ao adentrarem o espaço escolar, devem receber um apoio pedagógico pautado no respeito a sua dignidade, as experiências destes educandos não devem ser descartadas. A vivência destes sujeitos nos espaços deve possibilitar a estes a construção de sua identidade como ser humano, o fortalecimento dos vínculos entre família e escola pode resultar na transformação da realidade destes discentes. Portanto consideramos que tanto o educador quanto educando são inacabados e reconhecendo-se como inacabados estão sempre dispostos a adquirir novos conhecimentos.

4.4 Diagnóstico

De acordo com Nogueira e Rio (2011), o impacto do diagnóstico do autismo é o primeiro desafio enfrentado pela família, portanto a partir deste contexto podemos compreender os processos pelos quais a família passa após esta descoberta. Muitas famílias não compreendem e não aceitam o diagnóstico relatado pelo médico e passa por um período de rejeição.

Para cada etapa deste processo, há uma caracterização, a esta fase nomeia-se de negação do diagnóstico, este é um período de fuga pode-se chamar de defesa temporária, que depois de certo período passa a chamar-se aceitação, durante todo este processo a família necessita de acompanhamento, pois, surgem muitas inseguranças, angústias e receios, devido a falta de informações, que ocasionam muitos medos. A família precisa de apoio psicológico, pois os estresses causados pelas adaptações e transformações que vão ocorrer provenientes desse processo podem alterar toda a sua estrutura (NOGUEIRA; RIO, 2011).

No ambiente escolar não é diferente, quando os docentes se deparam com este diagnóstico sentem-se inseguros, a falta de conhecimento e o preconceito que gira em torno desses sujeitos, iniciam uma jornada de insatisfação, impossibilitando possíveis avanços. A falta de recursos e de preparo no auxílio destes profissionais prejudica ainda mais estes discentes, partindo dessa premissa o presente artigo aborda estes desafios da inclusão no intuito de proporcionar uma melhoria no campo pedagógico (NOGUEIRA; RIO, 2011). Segundo freire (2002, p. 118), “aceitar e respeitar as diferenças é uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar”.

De acordo com o exposto, Freire (2002) vem apontando e ressaltando que o processo de escuta deve estar sempre em concordância com a dialogicidade, pois a descoberta do diagnóstico de crianças com autismo provoca nas famílias uma desestruturação, e uma opção de apoio as famílias é a equipe pedagógica escolar, que irá ouvir e recorrer as melhores condições de ensino para este discente, além de ouvir está família e prontificar-se no apoio dentro de suas implicações proposta por lei.

Salientamos também que os professores dentro desta perspectiva, estão descobrindo recentemente como atuar nas escolas a fim de fazer a junção teoria e prática (*práxis*), conscientizamos também quanto aos desafios que vêm sendo crescentes pela amplitude do problema. No entanto os professores não desanimam persistem na busca por novos conhecimentos, pois vivem em constantes estudos para melhoria da educação na perspectiva inclusiva no país.

4.5 Tensões e Intenções no processo de inclusão

Com base no presente exposto podemos frisar a importância dos profissionais da educação de estar atualizados quanto às transformações que estão ocorrendo na

sociedade. De modo geral, os docentes devem ser vistos como ativos e não se pode rotular nem esconder este sujeito da sociedade, na verdade ao incluir este sujeito no ambiente escolar, procura-se transformar a realidade dos mesmos. Dessa forma, tirando-lhes de uma integradora que considera uma padronização do sujeito, onde a sua subjetividade não é respeitada.

Assim, uma escola inclusiva, produz um conhecimento que transforma a realidade destes sujeitos, possibilitando o pensamento crítico e reflexivo, apresentando-lhes como seres atuantes, participativos da sociedade. Dessa forma, Freire (1996, p. 47), nos ajuda a entender que: “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

De maneira que Freire (1996) vêm ressaltando quanto ao ensinar de forma intencional no intuito de acolher os discentes e propiciar a estes um conhecimento por meio de produções e construções próprias, possibilitando a quebra de barreiras, a participação em grupos, a superação de desafios, as novas aprendizagens por meio da coletividade. Neste caminho os docentes passam por tensões ocasionadas pelo desafio da aceitação das diversidades e por possibilitar a estes as mesmas oportunidades dos demais, por entender a educação como democrática, por se fazer por meio do diálogo e da interação entre todos que dela participam.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo tem por finalidade analisar acerca dos desafios da inclusão de alunos com autismo na educação infantil, a partir de levantamento bibliográfico dos trabalhos publicados nos Anais do Seminário Nacional de Educação Especial e Seminário Capixaba de Educação Inclusiva dos anos de 2016 e 2018. Estes artigos foram selecionados na plataforma da UFES, foram escolhidos 11 artigos que dialogam com a temática inclusão de alunos com autismo na educação infantil, estes artigos foram divididos em quatro grupos de acordo as temáticas com as temáticas afins: práticas pedagógicas, interações sociais, jogos e brincadeiras e diagnóstico.

Após esta seleção, foi feita uma reflexão com base nas teorias de Paulo Freire (1993, 1996, 2001, 2002), portanto é necessário um debate amplo acerca destes itens, pois as práticas pedagógicas precisam ser revisitadas no intuito de melhorar a relação entre teoria e prática. Pois, é necessário que os profissionais da educação

reconheçam a necessidade de estudos que abordem a presente temática e entendam que é indispensável uma articulação entre teoria e prática.

Em suma, a teoria serve como lente para que os profissionais da educação vislumbrem os desafios presentes no cotidiano escolar e possam resolvê-los. Um dos exemplos são estes sujeitos que precisam ser enxergados dentro de um determinado contexto, são múltiplos e diversos, cada um apresenta sua subjetividade, tem sua historicidade e requer desses profissionais um comprometimento com práticas pedagógicas diversas.

Nessa direção, não têm como trabalhar inclusão de uma única maneira, pois o educando se constitui a partir das vivências com o meio ao qual está inserido, pois, é preciso criar no sujeito uma autonomia para conseguir fazer uma leitura de mundo. Para conscientizá-lo quanto a ele ser sujeito fruto de uma cultura, pois este sujeito tem que ser pensante/livre para se reconhecer e produzir seu espaço na sociedade.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Anderson Rubim. Tensões e intenções no processo de inclusão na educação infantil da criança com (TGD), associado ao espectro de autismo. In: Seminário Nacional de Educação Especial e Seminário Capixaba de Educação Inclusiva, V. 01, 2016, Vitória. Anais... Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2016, v. 01, p. 788 – 800.

ARAÚJO, Fabiana Zanol; ARAÚJO, Michell Pedruzzi Mendes. Jogos e brincadeiras para crianças autistas: possibilidades nas aulas de educação física. In: Seminário Nacional de Educação Especial e Seminário Capixaba de Educação Inclusiva, V. 02, 2018, Vitória. Anais... Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2018, v. 02, p. 283 – 299.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Tradução de L. de A. Rego & A. Pinheiro. Lisboa: Edições 70. 2006.

BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo; FONTE, Renata Fonseca Lima da. Estereótipos motoras e linguagem: aspectos multimodais da negação no autismo. **Rev. bras. linguist. apl.**, Belo Horizonte, v. 16, n. 4, p. 745-763, Dec. 2016.

Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982016000400745&lng=en&nrm=iso>. Access on 12 nov. 2019.

BRASIL. Censo Escolar da Educação Básica. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo>. Acesso em: 20 de maio de 2015.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 9.394/96. Brasília: DF, 1996.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. P. 15-41.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FONTANA, Roseli; CRUZ, Nazaré. Psicologia e trabalho pedagógico. São Paulo: Atual, 1997.

FREIRE, PAULO. Pedagogia do Oprimido. 32. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. Algumas reflexões em torno da utopia. In: FREIRE, Ana Maria de Araújo (org.). *Pedagogia dos Sonhos Possíveis*. São Paulo: UNESP, 2001.

_____. Prefácio à edição brasileira. In: SNYDERS, Georges. *Alunos felizes*. São Paulo: Paz e Terra, 1993. p. 9-10.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MARCHIORI, Alexandre Freitas. A criança com autismo e importância das interações sociais na educação infantil. In: Seminário Nacional de Educação Especial e Seminário Capixaba de Educação Inclusiva, V. 01, 2016, Vitória. Anais... Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2016, v. 01, p. 233 – 244.

MASSARIOLI, Luiza; VIEIRA, Maria Nilceia de Andrade; NASCIMENTO, Claudenice Maria Veras. Práticas pedagógicas e inclusão do aluno autista no cotidiano escolar. In: Seminário Nacional de Educação Especial e Seminário Capixaba de Educação Inclusiva, V. 02, 2018, Vitória. Anais... Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2018, v. 02, p. 1009 – 1016.

MONTEIRO, Emilene Gomes; OLIVEIRA, Ivone Martins. Interação entre a criança com autismo e o outro na brinquedoteca. In: Seminário Nacional de Educação Especial e Seminário Capixaba de Educação Inclusiva, V. 02, 2018, Vitória. Anais... Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2018, v. 02, p. 1190 – 1197.

SALLES, Flaviane Lopes Siqueira. CHICON, José Francisco; SÁ, Maria das Graças Carvalho Silva. Educação física e inclusão: o professor como mediador na experiência de brincar da criança com autismo. In: Seminário Nacional de Educação Especial e Seminário Capixaba de Educação Inclusiva, V. 02, 2018, Vitória. Anais... Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2018, v. 02, p. 974 – 982.

SANTOS, Emilene Coco; CHIOTE, Fernanda de Araújo Binatti. Solicitude pedagógica e ato responsável: algumas reflexões sobre o aluno com autismo no ensino comum. In: Seminário Nacional de Educação Especial e Seminário Capixaba de Educação Inclusiva, V. 01, 2016, Vitória. Anais... Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2016, v. 01, p. 245 – 256.

SANTOS, Maria da Penha; MELO, Rayane Loyola Rangel. Autismo e educação infantil: o diagnóstico, a família e as possibilidades da prática educativa. In: Seminário Nacional de Educação Especial e Seminário Capixaba de Educação Inclusiva, V. 01, 2016, Vitória. Anais... Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2016, v. 01, p. 653 – 660.

SANTOS, Rosely da Silva; CHICON, José Francisco. A brincadeira de faz de conta em crianças com autismo. In: Seminário Nacional de Educação Especial e Seminário Capixaba de Educação Inclusiva, V. 01, 2016, Vitória. Anais... Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2016, v. 01, p. 759 – 766.